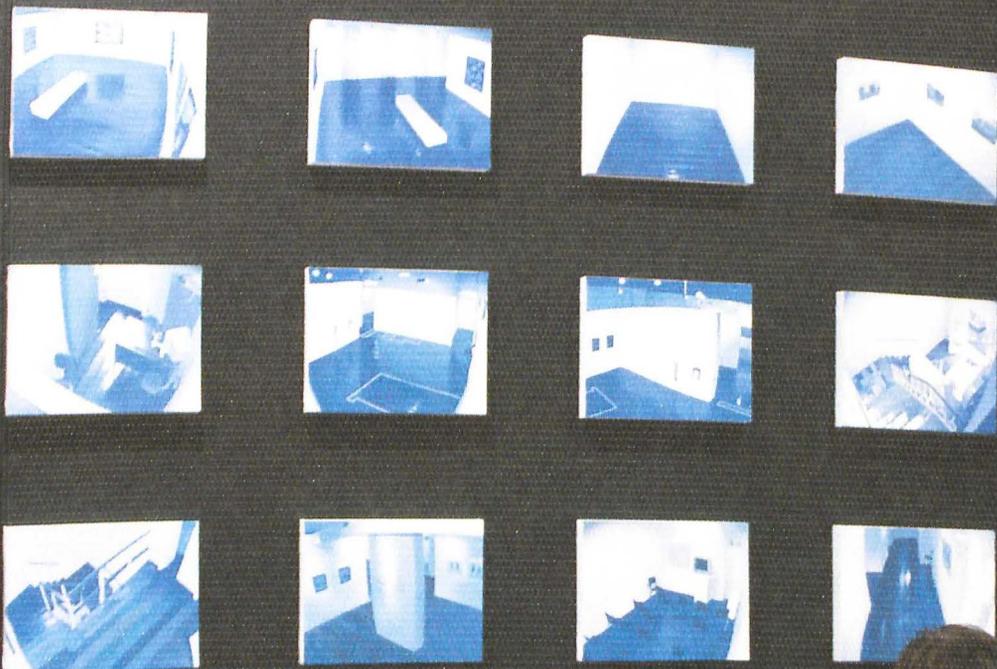


Revista CROMA, Estudos Artísticos  
julho-dezembro 2015 | semestral  
issn 2182-8547 | e-issn 2182-8717

CIEBA-FBAUL



croma 6



**Revista CROMA, Estudos Artísticos**  
julho-dezembro 2015 | semestral  
issn 2182-8547 | e-issn 2182-8717

CIEBA-FBAUL

**croma 6**

Revista **CROMA**, Estudos Artísticos,  
Volume 3, número 6, julho–dezembro 2015  
ISSN 2182-8547, e-ISSN 2182-8717

Revista internacional com comissão científica  
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
de Lisboa & Centro de Investigação  
e de Estudos em Belas-Artes

# Belvedere: lugares da memória

*Belvedere: places of memory*

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES\*

Artigo completo submetido a 11 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

\*Artista visual. Graduação em Comunicação Visual na Escola de Belas-Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação (UFRJ).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), Departamento de Comunicação (Decom). Professora da área de Fotografia. Rua Ramiro Barcelos, 2705. Campus Saúde, Bairro Santana, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, CEP: 90035-007, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

**Resumo:** O artigo proposto possui como foco teórico uma reflexão acerca do trabalho de Bob Wolfenson, fotógrafo artista brasileiro. A produção escolhida foi a série fotográfica Belvedere realizada entre os anos de 2011-2013. Na série o artista traz imagens de lugares/ espaços que marcaram sua infância ou que ressoam esses lugares. A poética desenvolvida, longe de ser uma representação desses lugares vividos, propõe uma apresentação, a passagem do estatuto de documento ao de material artístico; uma migração de lugar e de condição criando novos sentidos à imagem dada. **Palavras chave:** fotografia expressão / memória / arte / Bob Wolfenson / Belvedere.

**Abstract:** *This article brings as a theoretical focus point the works of Bob Wolfenson, Brazilian artistic photographer. The photographic series Belvedere, produced between 2011 and 2013 was chosen for the analysis. In the series the artist brings images of places and spaces significant of his childhood. The poetical development, far from being a representation of these experimented places, proposes a presentation, a passage from the documental status to the artistic material; a migration from place and condition, creating new senses to the given image.*

**Keywords:** *expression photography / memory / art / Bob Wolfenson / Belvedere.*

## Introdução

O artigo proposto tem como foco teórico uma reflexão acerca do trabalho de Bob Wolfenson, fotógrafo artista brasileiro (apesar do nome de

origem anglo-saxônica). A produção escolhida foi a série fotográfica *Belvedere* (Wolfenson, 2013), realizada entre os anos de 2011-2013. Na série apresentada o artista traz imagens de lugares/espacos que marcaram sua infância ou que ressoam esses lugares vividos na infância. A característica que marca a série é seu aspecto aparentemente documental. As imagens apresentadas possuem a marca indelével de atestação da presença do referente – o “isso foi” barthesiano (Barthes, 2006). Todavia, não é disso que se trata. A poética desenvolvida por Wolfenson, longe de ser uma representação desses lugares vividos, propõe uma apresentação, no sentido dado por Rouillé (2009), ou seja, “um dado que remete apenas a si próprio” (p. 18), a passagem do estatuto de documento ao de material artístico; uma migração de lugar e de condição criando novos sentidos à imagem dada. Na série *Belvedere* o artista parece buscar um lugar de indiferenciação entre aquilo que é, e seus possíveis, entre o que foi, o passado, e o que pode ser – percebe-se a busca de uma contração temporal de pura intensidade (provocadora de uma epifania). Certos arranjos plásticos e formais, os procedimentos de edição e montagem, bem como as relações estabelecidas por essas imagens com o tempo e o espaço contribuem para o efeito pretendido (formação de uma Imagem Cristal ou sequencia cristalina), como se poderá a seguir.

Julga-se, então, necessário nesta introdução apresentar um conceito chave para o desenvolvimento deste texto, qual seja o de Imagem Cristal, caracterizador/propiciador de certa opacidade das imagens fotográficas, por oposição a transparência do documento. Tal conceito busca expor que o grau de aderência das imagens à referência é variável, havendo cargas diferentes de subjetividade ou objetividade de acordo com as relações estabelecidas dessas mesmas imagens com o tempo e com o espaço.

O conceito de Imagem Cristal aqui utilizado é o desenvolvido por Fatorelli (2003) a partir de leitura que esse faz de Deleuze (2007). Fatorelli parte da relação que as imagens estabelecem com o tempo e com o espaço dividindo-as em Imagens Orgânicas e Imagens Cristal. As Imagens Orgânicas seriam aquelas que adquirem seu sentido na natureza do referente, “[...] registros sumários que se esgotam na relação supostamente tautológica que estabelecem com a aparência [...]” (Fatorelli, 2007: 32-3). A Imagem Cristal ao contrário, é aquela onde a subserviência à referência não é o que predomina, possuidoras que são de realidades que não se confundem com ela. Segundo o autor, “autônomas, abstraídas do vínculo remissivo de origem, essas imagens situam-se num presente sempre renovado que desperta um passado e prenuncia um futuro igualmente abertos” (Fatorelli, 2003: 33). Essas imagens, em seus arranjos, provocam a suspensão do aqui e agora e possibilitam nexos com um imaterial, “uma potência

de pensamentos [...] quando o que importa não é mais reconhecer, mas conhecer" (Fatorelli, 2003: 33). A Imagem Cristal possibilita a ampliação do universo do visível, possui a capacidade de mobilizar múltiplas temporalidades que se realizam nas múltiplas visadas de seus leitores. Esse tipo de imagem tem como lugar privilegiado o universo da arte. Imagens desse tipo são suplementares. Potentes, propõem uma aventura para o pensamento. Acredita-se que as imagens propostas na série *Belvedere* possuem essa característica.

Para que se desenvolva de modo satisfatório as questões levantadas, Rouillé (2009) contribuirá nas reflexões acerca da arte fotografia nas demandas que aqui se apresentarem. Bergson (2010) inspira o tratamento dado a memória.

### 1. Bob Wolfenson. Pequena biografia

Bob Wolfenson, fotógrafo e artista brasileiro, nascido no ano de 1954 na cidade de São Paulo, iniciou sua vida profissional aos dezesseis anos de idade, na Editora Abril. Desde então, já trabalhou com diferentes gêneros fotográficos que vão do nu à moda, passando pelos retratos e a publicidade. Seu percurso também passa pela arte. Algumas de suas obras encontram-se nos acervos do Museu de Arte de São Paulo (Coleção Pirelli-Masp), do Museu de Arte Moderna de São Paulo, do Museu de Arte Brasileira da Faap, do Itaú Cultural, entre outras coleções.

Sua consagração como artista se deu em 1996, quando realizou a exposição *Jardim da Luz* no Museu de Arte de São Paulo. A partir daí, paralelo a seu trabalho como fotógrafo, desenvolveu diversos trabalhos expressivos como a exposição *Antifachada-Encadernação Dourada*, realizada em 2004 no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado. Suas fotos passam a pertencer a diversas coleções, museus e instituições de arte. A esses primeiros trabalhos seguem-se outros mais recentes como a exposição *Apreensões* realizada na cidade de São Paulo e transformada em livro pela Cosac Naify em 2010; a exposição *Cinépolis* em 2009, no Museu de Arte Moderna da Bahia (trabalho também transformado em livro pela editora *Schoeler Editions*); em 2013 expõem (galeria Millan em São Paulo) e lança, através da editora Cosac Naify, sob a forma de livro, a série aqui proposta para reflexão, *Belvedere*. Atualmente, além de seu trabalho com moda e publicidade, Wolfenson continua a desenvolver séries autorais de caráter expressivo, bem como é também coeditor e um dos criadores da revista *S/N* (Sem Número).

### 2. O fotógrafo artista e a arte do fotógrafo

Fotógrafo expressivo, Bob Wolfenson, dentro da categoria desenvolvida por Rouillé (2009) de fotógrafo artista, aquele que "[...] evolui deliberadamente no

campo da fotografia. Ele é fotógrafo antes de ser artista [...] (Rouillé, 2009: 235), exerce sua arte “à margem de sua atividade documental, a fotografia preenchendo, [...], o lugar de sua profissão e de sua arte” (Rouillé, 2009: 235-6) e pratica, no trabalho escolhido para reflexão, o que se pode chamar de documental expandido (vai além da mera referência propondo novos horizontes reflexivos, sendo de certo modo uma resposta à crise que assola a imagem documental no contemporâneo). Suas imagens, como se pode observar (Figura 1) expandem o universo perceptivo dos leitores, levando-os a uma imersão em suas próprias memórias, a um só tempo renovadas e gastas como o cenário apresentado, e aos afetos a elas associados. Nota-se que certa melancolia percorre a imagem (a série como um todo tem essa característica); o silêncio evocado no presente parece ecoar o burburinho do passado, há uma espécie de contemporaneidade entre essas temporalidades. O que se observa é que Wolfenson, ao fotografar os lugares vividos em sua infância, aciona um outro lugar não dado a ver de imediato na superfície decadente da cena mostrada.

É interessante notar que a fotografia, como signo icônico e indicial, atesta sempre a presença de um referente a que se faz menção. A fotografia presentifica algo que já passou; como memória fala de um tempo que se conservou na imagem. Não é esse o caso das imagens propostas pelo artista. A referência dada é gasta, sombria, decadente e evoca um passado de brilho que não se conservou. É uma imagem que, cronologicamente, não confere com a referência evocada pela memória do artista. Isso provoca uma certa nostalgia, uma saudade de algo vivido no passado e que só existe na forma de imagem-lembrança (Bergson, 2010). Todavia, essa ausência sentida, essa fissura é que, de certa forma, irá possibilitar o acesso do artista (e do leitor de suas imagens) a um novo lugar prenhe de possibilidades. O não-lugar (Augé, 1994) – visto como o contrário do lugar antropológico, onde se privilegia as dimensões identitárias, históricas e relacionais do sujeito – em que se transformou os lugares da infância vivida, imagens mostradas na série *Belvedere*, em contato com as imagens do passado retidas na memória do artista, é possibilitador da formação de uma Imagem-Cristal (Fatorelli, 2003), imagem potente que esgarça o sentido do tempo ao propiciar intensidades – aquilo que flui, varia e muda – atualizações permanentes de um virtual (Deleuze, 2006). Estabelece-se um lugar de devir.

Considera-se importante ressaltar que a memória que interessa a reflexão aqui proposta não é apenas a do referente material que um dia existiu, do “isso foi” barthesiano (Barthes, 2006), passado que pode ser alcançado linearmente a partir de um presente da imagem. A memória aqui pensada é a que faz de si própria processo que, através da lembrança, contamina o olhar do



**Figura 1** · Fotografia de Bob Wolfenson, *Águas de Lindoia*, São Paulo, Brasil (2013). Fonte: Belvedere, Cosac Naify, 2013.

**Figura 2** · Fotografia de Bob Wolfenson, *Caxambu*, Minas Gerais, Brasil (2011). Fonte: Belvedere, Cosac Naify, 2013.

**Figura 3** · Fotografia de Bob Wolfenson, *Cambuquira*, Minas Gerais, Brasil (2013). Fonte: Belvedere, Cosac Naify, 2013.

presente e é, pelo presente, contaminada (Bergson, 2009), daí a possibilidade de formações cristalinas.

### 3. *Belvedere*

*Belvedere é um ponto de observação privilegiado. Dele enxergo vultos do passado e do presente fundidos a uma atmosfera de baixa temporada, tão comum ao turismo de certa fatia da classe média na qual fui gerado e cresci, e a qual minha alma ainda pertence* (Wolfenson, 2013: 9).

É desse modo que Bob Wolfenson introduz a série fotográfica *Belvedere* no livro de mesmo nome. O livro, a forma escolhida para pensar a série, é composto por 41 imagens divididas entre 96 páginas de formato retangular (20 x 28 cm) e faz lembrar um álbum de família. A capa, acolchoada, possui um tom “beterraba”. Letras em dourado estampam o nome do livro e do artista. Ao abrir o livro, mesmo sem ler o texto de apresentação, o leitor é levado para lugares onde reina o silêncio e a solidão. São imagens de lugares turísticos aparentemente abandonados ou decadentes, quase vazios, como se pode observar nas imagens a seguir (Figura 2 e Figura 3).

A série surgiu de uma viagem do artista ao interior de Minas Gerais. A caminho de Tiradentes para participar de um Festival de Fotografia, resolve pernoitar em Caxambu, cidade pertencente ao chamado “Circuito das Águas” (conjunto de cidades entre Minas Gerais e o estado de São Paulo com águas termais) e onde passara férias com a família durante a infância. O artista reencontra suas lembranças, embaçadas pela paralaxe provocada pela passagem do tempo. O encantamento guardado nos olhos infantis se mistura com a realidade decadente do cenário atual. O que se percebe nessa série de imagens de modo contundente é o isolamento humano e junto com esse isolamento uma espécie de lamento, de dor.

A série não se detém apenas nos espaços vividos na infância, mas também abarcar cenários que com esses possuem afinidades. Desse modo, encontram-se no livro locais turísticos que vão do Rio de Janeiro à Polônia, de Minas Gerais à Cuba. Nesses lugares, Wolfenson recria cenários e paisagens tomado pela nostalgia de um tempo que passou e potencializa assim, na fissura temporal, o surgimento da Imagem-cristal.

### Conclusão

Bob Wolfenson tem como ponto de partida para a construção da série *Belvedere*, o caráter indicial e icônico da imagem fotográfica (características presentes nas

imagens documentais). Todavia não os torna absolutos. A própria matéria trabalhada e que ensaja a série, a memória, não lhe permite isso. O sentido desejado e construído (intuído?), o presente sem glória de um passado de brilho, se faz nas escolhas dos cenários, de ângulos de tomada, no trabalho do artista com a luz e as sombras entre outras opções possíveis. Essas escolhas e decisões, ressalta-se, conferem ao artista.

As imagens produzidas por Wolfenson assinalam a autoria, trazem para dentro do quadro fotográfico os imateriais, referentes incorporais, que vão além dos detalhes técnicos da tomada de imagem, como os expostos acima, e que incluem a vivência do fotógrafo, suas percepções, sentimentos e desejos:

*Um fragmento de vida, reminiscências de lugares, pessoas, tempo passado e presente, palavras trocadas, uma atmosfera de cheiros, cores, sabores, sons: um tecido frágil que tende a se desfazer se chegarmos perto demais e cuja consistência é a fluidez* (Cauquelin, 2008: 2).

Esse modo de fazer adere ao discurso do múltiplo, do híbrido potencializando a outra parte da imagem fotográfica, aquela que não se esgota na referência. É nesse lugar que Wolfenson cria o seu *Belvedere*, seu ponto de observação privilegiado para a busca de sentido.

### Referências

- Augé, Marc (1994). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus. ISBN: 85-308-0291-8
- Barthes, Roland (2006). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70. ISBN: 972-24-41349-7
- Bergson, Henri (2010). *Matéria e Memória. Ensaio da relação do corpo com o espírito*. São Paulo, SP: Martins Fontes. ISBN: 978-85-7827-252-4
- Cauquelin, Anne (2008). *Frequentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo, SP: Martins. ISBN: 978-85-99102-74-9
- Deleuze, Gilles (2006). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, RJ: Graal. ISBN: 85-7038-071-2
- Deleuze, Gilles (2007). *A Imagem tempo*. São Paulo, SP: Brasiliense. ISBN: 85-11-22028-3
- Fatorelli, Antonio (2003). *Fotografia e viagem. Entre a natureza e o artifício*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumara. ISBN: 85-7316-323-2
- Rouillé, André (2009). *A fotografia. Entre documento e arte contemporânea*. São Paulo, SP: Senac. ISBN: 978-7359-876-6
- Wolfenson, Bob (2013). *Belvedere*. São Paulo, SP: Cosac Naify. ISBN: 978-85-405-0526-1